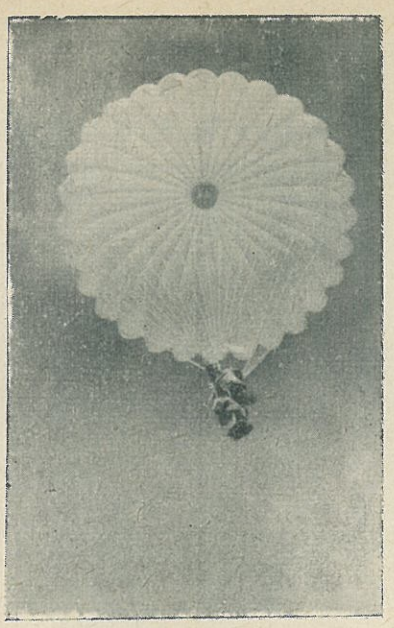


SALTA!

ORGÃO MENSAL DO PARAQUEDISTA

ANO I — Novembro de 1956 — N.º 3

Redacção e Administração
BATALHÃO DE CAÇADORES PARAQUEDISTAS

Visado pelo Ex.mo COMANDANTE

EDITORIAL

ÉLITE

Não alinhamos ao lado daqueles que, sem razão válida, empregam esta palavra não tendo consciência do seu verdadeiro significado: alta qualidade.

Muitos consideram que pertencem a uma élite, pelo simples facto de estarem integrados em determinado conjunto, apesar de não terem dado provas seguras de o merecerem. Outros apenas podem afirmar que são «os melhores dos medíocres». Ambos presumem sem razão e não passam de vaidosos que não têm a condição número um do progresso: permanente insatisfação, desejo de conseguir sempre melhor.

O homem de valor é modesto mas brioso das vitórias que galhardamente conseguiu e que, tal como as derrotas sofridas na vida, lhe servem de estímulo para continuar lutando para acercar-se dos seus Ideais que, de tão altos, são inacessíveis. Esse, geralmente, nega-se a confessar que vale mais que A ou B e presta mais atenção aos defeitos que às qualidades próprias. Deixa que os outros reconheçam estas e esqueçam aquelas.

O valor individual avalia-se pelas qualidades morais, intelectuais e físicas absolutas e pela contribuição que delas dá ao agrupamento de que faz parte. Sem medi lo precisamente, podemos distinguir o homem que está cumprindo a sua missão na Vida e na Sociedade, dando o que pode em prol da Perfeição, daquele que não passa de um pêso morto ou quási estagnado no nível a que o levaram.

A qualidade de um agrupamento humano avalia-se pelo somatório dos valores individuais que o compõe. Consegue se que seja alta pela selecção e pela educação.

Ao seleccionar, afastam-se os elementos que não possuem as bases e as possibilidades de adaptação de modo a garantir que se mantenha e eleve o nível atingido pela colectividade.

A educação tem em vista enriquecer o valor individual e preparar o conjunto com um só espírito.

Depende muito da existência em número suficiente daquilo a que podemos chamar *elementos-guias*.

Em qualquer agrupamento humano, há sempre um certo número de indivíduos que, pela sua maior idade, experiência da vida, ou qualidades inatas. se impõem aos restantes. São os «elementos activos», que tomam iniciativas arrastam os outros, são por eles tomados como exemplo — têm relativas qualidades de chefes.

Da sua acção depende em grande parte a boa orientação geral.

São eles que impõem aos que tendem a transviar se e aos recém-admitidos na colectividade, a sujeição às tradições e boas normas em uso.

Além disso, especialmente nas ocasiões difíceis, são eles que arrancam os outros da apatia e inacção em que cai a maior parte dos homens.

Sem dúvida que a qualidade de um agrupamento humano se pode medir tanto pelo conjunto dos valores individuais, como pela percentagem de indivíduos de valor destacado.

Tudo o que acabamos de dizer por alto, aplica se à nossa Unidade e merece meditação.

Que cada um se pergunte:

— Estou progredindo? Serei hoje melhor que ontem, amanhã melhor que hoje?

— Estou contribuindo para que os meus camaradas, o nosso conjunto, seja cada vez melhor?

O sentido de responsabilidade de cada um faz nos bem cientes de que: *a nossa tropa será, o que for cada um de nós.*

Fernando Soares Cunha
Tenente Paraquedista

A TUA BANDEIRA

Uma Mãe dá o seu retrato aos filhos viris e dedicados para que se lembrem sempre que receberam uma educação cuidada e têm uma família a honrar.

A Pátria oferece o seu símbolo a todos os componentes da Nação para que digam bem alto a que País pertencem.

E cada cidadão, ao olhar a Bandeira, esse retrato austero de uma Mãe altiva e nobre, recorda o que ela espera dele; vê a Terra e a Nação, os Antepassados e os Vindouros.

A Terra! . . .

Aquela casa, talvez um casebre de teto de colmo, paredes com frinchas e portas escalavradas, mas onde o fogo do lar saltita, os filhos se criam, a família se reune a trabalhar, sofrer e festejar.

Aquelas leiras, talvez pedregosas, mas onde cada pingo de suor caído da fronte faz brotar o fruto doce do trabalho duro.

E aqueles povoados de onde a gente vem por caminhos e atalhos a reunir-se na igreja para as cerimónias religiosas ou no terreiro para as festas.

A Nação! . . .

A família que nos vale e consola na adversidade. Os companheiros com quem trabalhamos a amanhar a terra, amoldar ferramenta ou erguer construções. Os parceiros de jogos e bulhas na escola e os que agora jogamos o futebol e as cartas. Todos aqueles com quem trocamos os produtos do nosso trabalho e assim nos damos mútuamente possibilidades de vida melhor.

Enfim todos os que de longe ou perto colaboram e comungam conosco no ideal da Pátria.

Cada indivíduo só poderá atingir a sua plenitude como Homem se estiver bem integrado na Família, na Sociedade, na Nação. Desta depende o seu destino e dela nascem as únicas forças verdadeiramente valiosas.

Os Antepassados! . . .

Reuniram-se e fizeram-se independentes para melhor conseguirem defender os seus e nossos interesses, para constituirem um agrupamento fechado onde os seus filhos, nós, encontrassem uma vida melhor e mais elevada.

Criaram um sentido colectivo de Honra e Brio e por ele lutaram até ao limite das suas energias. A eles devemos o orgulho e estímulo que representam para nós os feitos de heróica bravura e sacrifício altruista qve recheiam a história de Portugal.

Não o fizeram em vão. Confiaram em que seriamos dignos de nos chamarmos seus filhos. Sê-lo-emos.

Os Vindouros! . . .

Esses também esperam que paguemos a divida contraida para com nossos Pais ao receber o Património que fizeram tão valioso.

Eles são a nossa continuação, resultado do nosso trabalho, razão de nosso viver.

Faremos com que agradeçam e se orgulhem de nós como agradecemos e orgulhamos de nossos Pais.

Terra, Nação, Antepassados e Vindouros, tudo isso é Pátria.

Tudo está representado no seu simbolo.

Em cada bandeira há um pedaço de fio que é um pedaço da alma de cada português. Nenhum quererá que "o seu pedaço de fio" esteja menos brilhante.

Por isso, ao olhá-la, perfila-se e medita. Decide-se a dar-se todo para que a Mãe carinhosa mas inflexível não tenha erros a apontar-lhe ou motivos para um córar de nobreza ofendida.

JURO ser fiel à minha Pátria e estar pronto a lutar e dar a vida por ela.

JURO DEFENDER A BANDEIRA ATÉ À ÚLTIMA GOTA DE SANGUE, respeitar as leis, observar a disciplina militar, obedecer cegamente aos meus chefes e honrar as tradições gloriosas do Exército Português.

Em 1 de Julho de 1956, no Aeroporto da Portela, Sua Ex.a o Chefe do Estado faz entrega da Bandeira ao Ex.mo Comandante

Para sua defesa nos momentos de perigo, a Pátria conta essencialmente com as Forças Armadas, seu braço forte e principal escudo. Sempre elas foram a espinha dorsal e o espelho das virtudes da Nação. A vitalidade desta avalia-se pelo nível das Forças Armadas, das Unidades que as constituem.

A cada uma que se forma, a Pátria entrega uma Bandeira para que a guarde e erga honrada.

O nosso Batalhão, como Unidade independente, também recebeu a sua. Sua e da Pátria.

Essa doação significa que a Pátria conta conosco e confia que seremos capazes de a defender com nobre dedicação. E nós, ao recebê-la, juramos corresponder a essa confiança, juramos fazer o possível e o impossível para não deixar que a honra da Pátria, do Batalhão e nossa própria sofra qualquer mácula.

Acompanhar-nos-à sempre como testemunha de um juramento, estímulo ao cumprimento do Dever, afirmação de honra e valor.

Representará em toda a parte o nosso Batalhão, a sua história, a bravura e dedicação dos antigos e actuais soldados.

Por isso ela nos merece um culto especial, mais completo que o prestado a qualquer outra.

Quando se reune à formatura das tropas de armas apresentadas, enquanto soa a marcha de continência, cada soldado apruma mais a atitude, dilata o peito, sente o coração bater mais forte.

E quando novos soldados se declaram aptos e prontos a combater, na cerimónia do juramento de bandeira veem nela um compromisso para com a Pátria e também para com os outros soldados que juraram ou estão a jurar perante aquele pedaço de sêda.

Quando em combate, o vê-la ou recordá-la dará novo alento, animará mais aqueles que darão tudo para que a Pátria e o seu símbolo não sejam atingidos por mãos estranhas.

Paraquedista! A Tua Bandeira é simples, ainda não ornada por condecorações. Não se mostra ainda desfiada pelo tempo nem esfarrapada pelos projécteis.

(Continua na página seguinte)

BOINAS VERDES

Tal como vós também eu sinto orgulho na minha boina verde, símbolo dos homens que se lançam no espaço, suspensos duma frágil e amiga cúpula de nylon. Como vós também eu gosto de usá-la e sentir a satisfação de relembrar como a ganhei.

Mas a verdade é que, se ser paraquedista para ter direito à boina verde representa já muito de coragem e de esforço não é menos verdade que isso é apenas o primeiro passo numa longa encosta que à medida que subimos cada vez se torna mais difícil. E só aqueles que chegam ao fim dessa íngreme subida poderão então sentir a verdadeira satisfação do dever cumprido, satisfação do homem que não olhou a perigos, a sacrifícios à fome, ao frio, do homem que enfim, se venceu a si próprio.

Mas, para quê este arrazoado? — dirão vocês.

Apenas para vos dizer que esta unidade da boina verde, deverá ser, por nós assim o querermos, não uma unidade de sòmente paraquedistas, mas unidade em que o paraquedismo é apenas um dos vários meios pelos quais estaremos aptos a cumprir aquelas difíceis missões de que poderemos vir a ser incumbidos.

Por isso não basta que sejamos sòmente capazes de saltar em paraquedas. É certo que é já alguma coisa mas está muito longe de ser tudo. Para que em boa verdade nos possamos sentir orgulhosos da nossa boina verde é preciso que os outros, aqueles que a não usam, sejam obrigados a sentir ante nós um respeito incondicional. E esse respeito só poderá existir e ser incondicional se ao passar um paraquedista, se puder dizer dele: eis um verdadeiro homem e um soldado completo. Como consegui-lo então?

É muito difícil? Um pouco é certo, mas não sobrehumano!

Antes de tudo não podemos esquecer que somos seres humanos com uma consciência e uma vontade própria e portanto sujeitos a errar. A grande virtude, aquela que eu vos peço que penseis sempre nela, é exactamente a de procurar evitar esses erros da condição humana e se apesar de tudo, eles vos forem apontados, procurai emendar-vos e não tornar a cair neles. Segui aqueles exemplos de que a nossa História está cheia, os preceitos da moral cristã, os ditames duma consciência sã e bem formada e tereis conseguido a primeira parte — ser um verdadeiro homem.

Paralelamente a esta não podereis descurar a segunda e essa consegui-la-eis se em todos nós existir o desejo de bem servir. Só o bom soldado pode bem servir e isso só se consegue à custa dum entranhado amor à disciplina, à instrução, às instituições militares. Não basta aprender a ordem, conhecer a espingarda, etc., para se ser um bom soldado. Bom soldado é aquele que tudo sabe, que pode desempenhar qualquer missão, porque para ela se preparou de longo tempo, que tão bem sabe obedecer como comandar quando necessário, que desconhece o frio, a fome, o sacrifício, o esgotamento, e que consciente do perigo para ele avança com um sorriso nos lábios. Que exemplo belo para o que vos digo tendes vós na história do Decepado!...

Pois bem! Se conseguirdes o que atráz vos digo então sim, tereis pois a admiração de todos, quer civis, quer militares e podereis então orgulhar-vos verdadeiramente da vossa boina verde.

Mário M. Robalo

ORAÇÃO DE UM PAI

Senhor! Dá-me um filho que seja bastante forte para saber quando é fraco; e corajoso bastante para se enfrentar a si mesmo quando tiver medo.

Um filho que seja orgulhoso e inflexível na derrota inevitável, mas humilde e manso na vitória.

Dá-me um filho cujo esterno não esteja onde devia estar a espinha dorsal.

Um filho que te conheça e saiba que conhecer-se a si mesmo é a pedra angular do saber.

Guia-o, eu Te suplico, não pelo caminho fácil do conforto, mas sob a pressão e o aguilhão das dificuldades e dos obstáculos. Que aprenda a manter-se erecto na tempestade; e a ter compaixão pelos malogrados.

Dá-me um filho de coração puro e ideais elevados.

Um filho que saiba dominar-se antes de procurar dominar os outros.

Um filho que aprenda a rir mas que não desaprenda de chorar.

Um filho que tenha olhos para o futuro mas que nunca esqueça o passado.

E depois que lhe tiveres concedido todas estas coisas, dá-lhe compreensão bastante para que seja sempre um homem sério, sem contudo se levar demasiado a sério.

Dá-lhe humildade, Senhor, para que possa ter sempre em mente a simplicidade da verdadeira grandeza, a tolerância da verdeira sabedoria, a humildade da verdadeira força.

Então, eu, seu pai, ousarei murmurar:

Não vivi em vão!

General Mac Arthur

O paraquedista exemplar é o homem simples, sóbrio, alegre e bom camarada, forte de corpo e espírito e desejoso de se destacar por ser o melhor no serviço da Pátria.

INDIA — Carta de El-Rei D. Manuel ao Samorim de Calecute

Por António R. Serrano

Orgulho-me de ser homem quando penso nesses soldados de um país que não é maior que o meu, dominando metade do mundo pela sua força, sua bravura, sua ardente imaginação.

Tudo agora passou, dizem que Goa, a dourada, não é mais que uma vila miserável. Mas, se é verdade que a única verdade é a do espírito, aquele sonho de império, aquela força, aquela bravura, continuam a viver de qualquer maneira.

S. Maughan

Está esta carta na base da fundação do Estado da India, define as ideias e princípios pré-estabelecidos com que para lá fomos e que se mantiveram ao longo dos séculos.

Remonta ao ano de 1500, ano em que Cabral a entregou em audiência histórica e solene ao Samorim de Calecute.

Ainda não soltos da mística medieval, o descobrimento do caminho marítimo para a India, estonteou os próprios autores, quase tanto como ao resto do mundo conhecido, considerando-o maravilhosa graça divina, concedida a um povo que se fizera Nação pelo seu próprio esforço.

> «...*Entre as cousas porque principalmente damos muitos louvores a Nosso Senhor neste feito, é por nos ser dito, que há nessas partes gentes cristãs, que foi e é nosso principal desejo (conhecer) para nos concertarmos convosco, em amizade, amor e conformidade, como há entre os reis cristãos, porque bem é de crer que não ordenou o Senhor Deus tão maravilhosa coisa como é esta da navegação, para ser sòmente servido nos tratos e proveitos temporais de entre nós, mas também nos espirituais e salvação das almas, que mais devemos estimar e de que Ele é mais servido..* »

Este bocado vinca bem qual a orientação de toda a acção portuguesa no Oriente, impedindo que se possa ver o mais leve resquício de torvo colonialismo, na nossa acção civilizadora e amiga. Mais adiante

> «.. *Vos rogamos como irmão, que vos queirais conformar com o seu querer e vontade, e por fazerdes vosso proveito e de vossas terras, assim espiritual como temporal, tenhais por bem de receber nossa amizade, e de juntar a vossa conòsco, e assim trato e conversação que vos tão pacìficamente apresentamos para serviço de Nosso Senhor. E queirais receber e tratar o nosso Capitão e gente, com aquele são e verdadeiro amor com que vo-los mandamos. Nosso propósito é seguir a vontade de Nosso Senhor Deus Todo Poderoso, antes que a dos homens, e não deixarmos por nenhumas contrariedades, de prosseguir e continuar esta navegação, trato e conversação nessas terras, tendo esperança em Nosso Senhor que nosso trabalho não seja debalde...*».

Da força imperativa deste espírito de missão, tão raro em todos os tempos, em todo o mundo, dava El-Rei D. Manuel conta ao Samorim de Calecute, afirmando-lhe que Deus era sabedor de quanto desejava que fosse antes por boa paz e amizade.

Dele se evola, qual subtil aroma, o determinismo cristianizador do português de sempre que quere receber as mais estranhas raças e costumes no seu seio, fazendo-os subir larguíssimos passos na escada das civilizações, tornando-os iguais a si e dando-lhes os mesmos benefícios que recebe de uma religião amantíssima e contemporizadora.

E é com princípios destes a reger toda a nossa actuação no longínquo Oriente, que querem actualmente, acusar-nos de colonialistas, esquecendo-se do que é necessário de despotismo e brutalidade para que tal facto se dê, esquecendo-se que nós arribamos lá com um tão fidalgo espírito de amizade.

Em 1501, chega à Europa uma das mais jubilosas notícias da nossa História: tinham-se apresentado aos nossos navegadores os mensageiros dos cristãos de Cranganor. Realiza-se assim, uma das maiores, senão a maior, finalidade da descoberta do caminho marítimo para as Indias Orientais.

O contacto, a amizade, o apoio mútuo, entre cristãos de tão distantes sítios. Se a chegada à India abriu aos portugueses novas e consideráveis perspectivas económicas, com este sucesso satisfez-se a necessidade que sentiam alvoroçadamente, de uma solidariedade viva com essas desconhecidas comunidades, satisfez-se a Fé, a crença firme, a predisposição para o sobrenatural que culturalmente tinham.

E foi assim com factos destes, levando à frente dos próprios interesses a amizade das relações com os Reis da India, que se iniciou o nosso «colonialismo», foi ajudando-os contra os seus inimigos quando no-lo requeriam, ensinando-lhes muito da nossa civilização, elevando-lhes o nível de vida, acolhendo de braços abertos casamentos com raças diferentes que se continuou e se mantém esse colonialismo isento de terrorismo e brutalidade, que nunca povo algum conseguiu imitar nas suas mais altas expressões de Fé e de Amor.

A MEDITAR...

Em virtude da mais uma vez demonstrada boa vontade da nossa gentil «companheira de sêda» D. Isabel Bandeira de Mello, chegou-nos às mãos a publicação do Subsecretariado de Estado da Aeronáutica que transcreve as suas palavras para a «Revista do Ar». Permitimo-nos destacar algumas:

«... *O salto, é preciso experimentá-lo! É preciso vivê-lo! Não sei se é mêdo, ou se são todas as mais nobres possibilidades humanas em acção, que nos deixam pasmados, admirados de nos sentirmos um átomo no espaço, mas um átomo que se comanda, que se dirige, manifestando assim o seu equilíbrio físico e moral, toda a nossa força de carácter!*

... *O encararmo-nos cara a cara, duma maneira tão profunda, para realizarmos o que de livre vontade, por desporto, nos propuzemos fazer, faz-nos estremecer, mas isso eu não considero que seja mêdo. É um misto de humildade e de gratidão para com Deus que nos deu tantos dons, que nós estamos ali para coroar com toda a nossa força de vontade, toda a nossa coragem, na certeza que, através do salto, encontramos uma das facetas da plenitude de carácter do ser humano*».

A publicação abre com estas palavras:

«*Que os rapazes de Portugal ponham os olhos no exemplo desta jóvem que, com a simplicidade dos valorosos, lhes mostra uma das mais altas formas de bem servir*».

Palavras destacadas, palavras em que muitos devem meditar.

A TUA BANDEIRA

(Continuação da página 1)

Ainda não a salpicou a lama dos campos de batalha.

Mas para onde quer que ela vá, sejam quais forem as vicissitudes por que passe, mantê-la-ás bem alta, sempre acima das nossas cabeças, ondulante na serenidade do céu azul ou agitada pela tempestade.

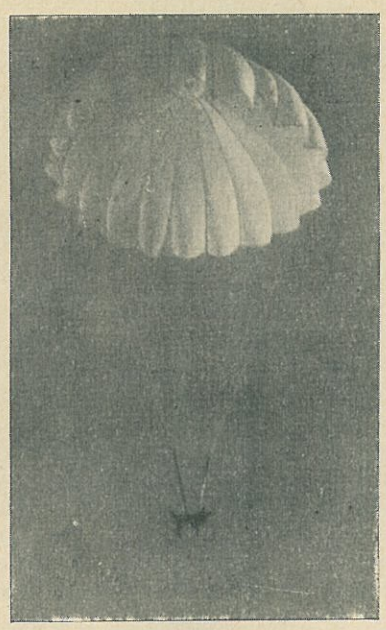
E quando voltar, virá honrada e gloriosa. Mais rica e mais altiva. Dizendo ao vento que aqueles que a conduzem e os que a enobreceram com o seu sangue cumpriram o Dever com Honra. Quiseram que «por vencidos não se conhecessem».

Não esqueceram que um dia estenderam doando a sua mão mais válida e disseram:

Juro defender a Bandeira até à última gota de sangue!...

S. C.

Cães de Guerra



O cão foi domesticado antes de qualquer outro animal e há quem chegue ao extremo de considerá-lo o primeiro e indispensável elemento de progresso da humanidade : o homem começou a deixar o estado selvagem quando se dedicou à pastoricia. Do rebanho que o cão ajudava a guardar, tirava o homem o alimento e o agasalho que necessitava antes de nada para criar condições de vida à sua vontade.

De primeiro colaborador, o cão passou a ser considerado o maior amigo do homem e foram-se conhecendo e até criando variadas raças.

Segundo cada uma destas encontra-se em grau variável a inteligência e a fidelidade, a coragem e a agressividade, a força e a resistência a maus climas, a vista e o olfacto apurados, etc.

Aproveitando estas qualidades, emprega-se na guarda de propriedades, na caça, no salvamento de afogados e perdidos na neve, como guia de invisuais, auxiliar da polícia.

Os esquimós são o povo que actualmente mais depende do cão : é quáse o único animal usado na tracção de trenós e, finalmente aproveitam-lhe a carne e a pele.

O cão, que na paz se usa como atrás ficou esboçado tem na guerra empregos ainda mais variados. Só nos últimos anos é que se tem dedicado constante atenção a esses empregos mas parece poder chegar-se à conclusão de que o rendimento obtido compensa bem o trabalho paciente necessário para o treino do conjunto homem-cão

Na 1.a Grande Guerra, os alemães usaram 30.000 cães e os franceses 15.000. Na 2 a Guerra Mundial tanto alemães como ingleses e americanos treinaram cães, na sua maioria da raça Pastor Alemão.

E na actualidade continuam a ser treinados homens e cães em centros de instrução que se dedicam maiormente às especialidades de guarda, patrulha, detector de minas e pesquizador de feridos

O treino é feito em duas partes : básico e especializado. A primeira, após a inspecção sanitária, é dedicada a conseguir obediência e disciplina absolutas, manifestadas por marchar à esquerda do tratador. parar, deitar-se, manter-se silencioso imitando-o. e ainda por cumprir todas as ordens que lhe forem dadas à voz ou a sinal, pelo seu tratador e só por ele. Acessóriamente é habituado a andar no meio de grandes movimentos de pessoal e viaturas. suportar os ruidos da guerra. ser transportado em diversas viaturas, etc.

Ao terminar o treino básico - que dura cerca de um mês — o cão deve ser capaz de executar várias «habilidades» e terá provado as suas qualidades natas, capacidade de aprendizagem e aptidão especial.

Se assim acontece, passa ao treino especializado que é mais longo e o prepara para uma das seguintes modalidades :

Guarda isolado Usa-se em instalações permanentes (depósitos, bases, etc.) um tanto vastas, e com reduzido pessoal de guarnição. É um vulgar cão de guarda que «considera como sua» a casa onde tem vivido e por isso ataca todas as pessoas estranhas E essencial que seja um cão forte e aguerrido; o ensino é mínimo, resume-se à habituação ao local de guarda.

No Canal de Suez, cães ingleses defendendo depósitos contra gatunos e sabotadores, prenderam 308 assaltantes e mataram 19, num período de sete meses. Cães desta categoria, até pelo simples conhecimento da suas presença, constituem obstáculo sério para qualquer assaltante.

Sentinela Normalmente acompanha o seu tratador em sentinela fixa ou volante e rondas, de noite e de preferência em locais de pouco movimento.

O cão, usando o seu faro, ouvido e vista apurados, denuncia silenciosamente ao seu tratador, muito antes de este se aperceber por si próprio, a presença de quaisquer elementos suspeitos Tem de haver perfeito entendimento entre o tratador e o cão para que este se não denuncie e aquele compreenda o que o cão notou.

Por outro lado, o cão torna impossível a eliminação da sentinela porque avisa da aproximação de qualquer inimigo e mesmo que este atacasse daria o alarme ladrando.

Patrulha Ensinado para assinalar a presença de tropas inimigas relativamente perto ou de armadilhas a curta distância. O tratador que segue o cão, à frente da patrulha, tem de interpretar convenientemente o comportamento do animal que sempre se mantem silencioso. Este trabalho é dos mais difíceis porque se efectua em movimento, em terreno desconhecido e enfrentando a maior variedade de incidentes.

Estafeta Na condução de uma mensagem ou até de medicamentos e pequenos volumes, substitui um homem, com vantagens de economia, segurança e rapidez, vantagens que assumem ainda mais importância quando se trata de terreno difícil (montanha, floresta, etc.)

A maneira mais simples de empregar cães-estafetas consistia em ter um tratador de vários cães que era a única pessoa que lhes dava alimento e água, lhes fazia carícias. Uma vez separado do tratador que ficava junto do posto de comando para o qual se enviariam posteriormente mensagens, ninguém se aproximava sequer dele e assim, uma vez libertado, corria velozmente em busca do tratador levando inconscientemente na coleira a mensagem.

Actualmente o cão-estafeta é treinado com dois tratadores de maneira que «conscientemente» estabelece ligação entre duas forças fixas, uma fixa e outra móvel ou até entre duas móveis.

Cão de pista O vulgar cão-polícia emprega-se na perseguição de sabotadores, guerrilheiros, prisioneiros, fugitivos, etc.

Também neste caso o tratador deve ser hábil para saber se o cão está seguindo a pista desejada ou outra errada, se a segue para a frente ou para tràs, se se enganou e onde deve retomá-la.

Sempre deve utilizar-se pouco depois de haver passado o elemento procurado porque, com o tempo e a passagem de outras pessoas, desvanecem-se e misturam-se os rastos.

Cão sanitário Precioso auxiliar na busca de feridos em terreno coberto ou removido por bombardeamentos, desmonoramentos, avalanches de neve. O cão, ao descobrir pelo faro ou pela vista um ferido vai chamar o seu tratador.

Os famosos cães de S Bernardo chegam a assinalar feridos soterrados sob quatro metros de neve.

Cão detector de minas Emgregado na abertura de passagens em campos de minas e na limpeza completa destss e de vias de comuniçação

É muito mais eficiente que os detectores electro-magnèticos porque estes apenas assinalam as minas de revestimento metálico e provocam confusões porque são igualmente sensíveis a estilhaços e outros pedaços de metal.

O cão vai farejando o terreno e quando encontra terra removida pela mão do homem, senta-se nesse local onde provàvelmente se encontra uma mina de qualquer tipo. O tratador manda-o levantar-se, sinaliza ou retira e desarma a mina e continua a pesquiza estendendo, à medida que avança, uma fita de marcação que baliza o terreno já limpo.

Além destas modalidades de emprego de cães especialmente treinados, é possivel adoptar e improvisar outras.

Diz-se que na passada guerra mundial foram utilizados cães «anti-carro» que, transportando no dorso uma carga com espoleta retardada ou electro-magnética, se iam colocar debaixo dos carros de combate inimigos e os acompanhavam... até que a carga rebentava.

Seja qual for a sua especialidade, o cão pode receber outra instrução para poder acompanhar o tratador. Assim, o cão paraquedista é equipado, salta sem hesitação, e logo que, chegado ao solo, o libertam do arnês, procura o tratador.

Claro que para se conseguir este à vontade no salto em paraquedas, é necessário submeter o cão a treinos prolongados de saídas da torre, do modelo, do avião no solo com motores em marcha e, finalmente, do avião voando.

Já vimos um cão sem treino que, apesar de acostumado a voar, depois de ter «caído» duas vezes em paraquedas, quando ouvia ruído de motores, não dava um passo e babava-se aterrorizado. Não é de estranhar que assim manifestasse o seu desagrado pelo anti-instintivo acto de saltar em paraquedas.

Em qualquer das especialidades mencionadas, os cães a utilizar tem de ser objecto de selecção apurada e ensino longo e paciente ministrado pelo tratador, com quem passam a constituir conjunto indissolúvel.

O tratador deve possuir conhecimentos sobre treino e condução de cães, ser calmo, paciente, bom observador e amigo dos animais, tal como qualquer domador de feras.

Os resultados práticos que podem conseguir-se justificam bem que se dedique a este assunto algum dinheiro e muito trabalho.

Na guerra moderna, em que impera a Técnica elevada os animais continuam a ter lugar.

O cão será dos últimos a perdê-lo

S. Cunha

Os nossos Poetas

Esperança

Os dias passam
Repassam
Cadeia sem fim até ao infinito
De elos que não quebram,
Ou sim.
Bulício, cor ou morte
De almas que vivem
À sorte
Soltas ou presas
Por fios que o sentimento
Às vezes move
E faz do amor uma paixão
Ou não.
Esperança louca de desejos
Insatisfeitos
De sonhos, de castelos desfeitos.
Cansado de tudo
Da vida, de mim, de todos
Sim.
E amanhã será mais um elo
Há mais esperança
Há certeza
Ou será a desilusão
Que já me espera?
Não.

F. M.

Filosofando

Qual ente saberá quanta amargura
Se passa nasta vida, sem reter
O pleito da existência com ventura
E só vivendo a vida por viver?

Qual sábio, mais falado neste mundo
Saberá responder não hesitando
Porque labuto eu, e labutando
Não espero mais que um poço frio e fundo?

Sou parco! Paciência... pergunto isto
Se alguém me responder, serei sincero
Não perguntarei mais, porque não quero
Que me cognominem de Anti-Cristo.

Quem sou eu? Algum materialista?
Não. Sou, e basta, um paraquedista!

Carlos M. Saldanha

VERDADES E MENTIRAS

Miscelânea a destrinçar por quem sabe .. sabe !!!

Camarata 2, tantos do tal. Fala um artilheiro ilustre:
— Que bateria é esta?
Responde um que nunca viu um obus mais gordo (de maior calibre):
— Não, não! Cá não há baterias, é tudo corrente alterna, 220 volts.

⊞

No gabinete do Oficial de Dia um diálogo pateta terminado por «andante pateado»:
— Muito boa tarde! Senhor Tenente eu sou agente de uma importante firma que está interessada em vender paraquedas absolutamente revolucionários!
— Ah sim?! Explique, explique!
— Não têm cordões de suspensão e...
— Quê? Quê? De parte de quem vem o senhor?
— Agência funerária «A Despachante» para o servir...

⊞

Interrogado sobre o sistema de pré-pagamento, um paraquedista disse:
— Absolutamente incompatível com o pagamento de pré!

⊞

Drama ao telefone:
— Está? Furriel Prego?
— Sou, sou! Quem é o animal que fala?
— Aqui Alferes Martelo. Espere-lhe pela pancada!

⊞

O que dizem da nossa Torre (que é altíssima):
Um que subiu ao cimo pela primeira vez:
— Olha um avião a jacto às voltas ali em baixo!
Um que salta dela três vezes:
— Sou o pioneiro campeão de Portugal de saltos de torre!
Um aluno paraquedista «distinguido» com uma subida em acelerado:
— Uf!! Isto é o elevador de St.a Justa... sem elevador!
Um que saltou e ficou com as costelas vincadas:
— ¿ Quem seria o amigo da onça que colocou aquela «viga de quebra costas»?
Um que tem «ideias»:
— Aqui faltam vários acessórios: ascensor; esplanadas devidamente guarnecidas e servidas; telescópio no último andar, para observações astronómicas e para «ver os saltos por um óculo»; bilheteira para atender as visitas interessadas em subir; e. . um sistema género «mola recuperadora da culatra» para evitar figuras tristes de algum senhor tipo «culatra encravada à rectaguarda».
Um que está de fora:
— Aquilo é a torre da vida: uns sobem outros descem e todo aquele que sobe tem de descer!
Um que vai fazer uma aterragem:
— Oh senhor ajudante! Por favor não seja merceeiro, não roube ao contrapeso!
Um que «sabe o que quere», senhor de si mesmo:
— Lá subir, subo! Mas saltar é que não salto! Nem ir à porta porque podem pregar-me alguma partida. Até lhe chamam torre de partidas!
Um que está lendo este relato e «olha de lado» para a torre:
— Deixem-se de histórias que o aparelho não é para brincadeiras!

⊞

Dentro de breve tempo passaremos a dispor de melhoramentos importantes;
— Está a despacho na Alfândega um «anti-ciclone desmontável modelo 57» que, uma vez aqui instalado e apontado para Norte, criará uma *depressão centrada na região de Coimbra* e assim livrará Tancos das *descidas de temperatura* e dos *nevoeiros matinais junto às costas nossas*. Alegrem-se que desaparecerá o reumático e a interdição de saltar.
— Também já vem a caminho uma escavadora, com pá de 20 metros de largo, que se destina a mudar o curso do Tejo para sul do Arripiado. Uma vez pronta a obra teremos facilitada a ligação com o campo de saltos.
— Com destino ao campo de saltos e prevendo possíveis cheias do rio, chegaram a Almourol 36 vagões de papel mata-borrão.

⊞

Começou os seus trabalhos a Comissão de Reforma do Calendário.
— O nosso delegado apresentou um projecto de um Ano de 13 meses e acrescentou que será a única maneira de termos um mês de licença por ano.

⊞

Nas afirmações acima marque com F as falsas e com V as verdadeiras. Assim se treinará para os testes do Curso de Promoção a Furriel.

PROMOÇÕES

Pela Ordem de Serviço n.º 50 do Comando Geral das Forças Aéreas e Ordem de Serviço n.º 280, deste Batalhão, em 26 do corrente foram promovidos ao posto de 1.º Sargento, os 2.ºs Sargentos Paraquedistas, José Freire de Sousa e Américo de Matos.

«...SALTA!» em nome de todos augura aos referenciados, as mais altas prosperidades no novo posto.

Um conto

SONHO!?...

Por Claudino Ferreira

Flutuam bandeiras nas mãos de todo o povo. Repicam os sinos em todos os campanáros. Há alegria incontida em todos os rostos. Regorgitam as ruas duma multidão barulhenta que quere demonstrar o seu regosijo. Até o tempo, antes tão sombrio, mostra-se hoje radioso.

Terminaram as guerras e as questões entre os povos!...

Esta notícia fora proclamada, após uma série de conferências entre delegados de várias nações. O povo havia acompanhado com ansiedade o decorrer dessas sessões, à espera da decisão tomada. E, ao terem conhecimento daquela resolução, não puderam suster o contentamento, expandindo-o sem retraimentos.

Jámais estaremos em sobressalto. Jámais uma bomba traiçoeira poderá vir dizimar-nos quando menos o esperemos. Deixarão de existir becos infectos e cidades em ruinas. Existirá a liberdade de passagem de fronteiras, sem formalidades. Haverá compreensão entre todos, mesmo de raças e línguas diferentes.

Durante muito tempo, sábios viram-se obrigados a estudar fórmulas para inventarem engenhos, cuja finalidade era a destruição. Agora poderão dedicar-se inteiramente, à descoberta de aparelhos que atenuem as enfermidades que empestam uma grande parte da humanidade, e, facilitem o viver da restante.

Embora continuem a haver filósofos e sábios, doutores e engenheiros, milionários e pobres, todos saberão compreender-se, dando as mãos numa ajuda mútua sem desconfianças. Todos seguirão a mesma rota e o mesmo ideal, procurando dar a devida interpretação à palavra *PAZ*.

PAZ!?...

Esta palavra era pronunciada por todos em geral, como algo muito adorado.

No meio dessa multidão compacta, sigo eu também. Sinto o mesmo sentir daquela gente, porque também o meu coração vibra de contentamento e alegria.

Vejo passar, aclamados com frénesi, soldados erectos em suas vestimentas de guerra, que deixam os lugares onde tiveram de permanecer por largo tempo, em prevenção. Também eles, que dispostos se encontravam a dar a vida, por uma causa, não escondem quão alegres vão. Deixarão as fileiras e retornarão aos seus lares, ao carinhoso convívio familiar.

Jóvens e velhos, ricos e pobres, sem distinção de espécie alguma, cantam, riem e dançam para festejar a boa nova.

De súbito, eis que também sou agarrado e abraçado por uma jóvem esbelta e bela. Ela, talvez sem reparar nos meus poucos atractivos, depõe-me um ósculo nos lábios. E, sou conduzido no meio daquele mar humano.

Que sonho!?... Sinto-me cansado e com febre.

Arranjo a roupa que havia caído abaixo do leito. Agarro e desdobro o periódico, que tinha chegado, com a intenção de acalmar o meu sistema nervoso embrenhando-me na leitura amena de suas páginas.

Em artigo de fundo, encontro a epígrafe: «CHACINAMENTO NA HUNGRIA». Descreve o articulista, que nessa noite os sovietes haviam assaltado Budapeste, fusilando sem dó, os patriotas que clamavam e lutavam pela liberdade e paz. Uma grande hecatombe assola o povo magiar, o qual, procura refugiar-se nos países livres.

Deixo este artigo e aos meus olhos depara-se outro título: «A LUTA NO CANAL DO SUEZ». Apesar dos esforços das tropas anglo-francesas, os egipcios afundaram alguns barcos no canal, impossibilitando a navegação no dito. Luta-se em Port-Said.

Em outro lado, comunica que os judeus lutam tenazmente, na faixa de GAZA. Há bastantes mortos e feridos.

Na América, inventou-se um engenho teleguiado, muito mais potente do que a bomba atómica que há anos arrazou Hiroxima.

Na India, uma epidemia de tuberculose, dizima grande quantidade de seres humanos, sem que os serviços sanitários possam fazer-lhe frente.

Para o Norte de África, são destacados grandes contingentes de tropas, onde os terroristas têm posto tudo em alvoroço, sem guardarem o mínimo respeito por quem e o que quer que seja.

Em todas as fronteiras há grande vigilância e quase todos os países se encontram de prevenção, em consequência da situação internacional.

Na O.N.U., discutem-se os mais diversos problemas, sem contudo chegarem a uma conclusão definitiva.

Estas são as notícias que o periódico insere, em lugar da costumada leitura amena.

Entretanto, despontou o dia. Um dia chuvoso e triste. Sinto na rua o rumor da multidão, que protesta contra a situação da Hungria. Chora. Clama e vocifera contra as iniquidades de que aquele país é alvo. Querem a *PAZ!...*

...E, as guerras e questões entre os povos, continuam!...

Procuro reviver o *sonho* que tive. Ao recordar as passagens dele, e, pondo-as em contraste com a realidade, pergunto a mim mesmo, como a minha mente pôde conceber, *ainda que em sonho*, uma ideia tão absurda.

Será sempre assim!... Apesar de em quase todos os países ter sido abolida a pena de morte, continua-se a executar sem piedade os seres humanos Acabou a escravidão e contudo, povos há que querem fazer de seus iguais os seus escravos.

Há guerras, pestes, leis, parágrafos e códigos, choros e alegrias, filósofos e sábios, doutores e engenheiros, milionários e pobres, e... o manto da hipocrisia tentando cobrir tudo.

São *Sombras da Vida!...* Todavia, na minha mente, perdurará para sempre o *desejo* de ver realizado o meu... *SONHO!?...*

Colaboração dos Novos

Perfil na Aldeia

Por Martins Cacela

A serra, com a sua paisagem rústica e pobre, dum cinzento de calcáreo a esboroar-se. Flora abundante nos vales húmidos e sombrios, pobre e raquítica nas lombadas a esbarrar com o horizonte. A oliveira, a figueira e o carvalho, de um lado; o alecrim, o carrasco e alguma xerófita, do outro. Fauna não muito superior: ovelhas negras, homens e burros. Trindade muito afim! Mais a cabra.

Foi neste meio de pedras, homens e bestas que a conheci, numa dessas manhãs nevoentas e gélidas de Dezembro, em plena apanha da azeitona. Chamava-se Maria Rosa. Rosinha, em deferência especial do vulgo, para com a morgada do mais abastado proprietário local. Trajava uma grossa saia de lã, casaco apertado e sujo relevando sensualmente as formas femininas; lenço de sarja preta na cabeça; nos pés, sapatos de coiro e nas pernas, demasiado bem torneadas para aqueles sítios, meias grossas.

Estatura média. Diâmetro abonado. Predominantemente bidimensional. Boa perna. Quase a explodir para fora do casaco, uma considerável topografia frontal, a montra mais olhada das redondezas, objecto de estranhos sonhos dos rapazes da região, cujas predilecções em estética feminina incidiam em moças de fartas reservas suínas como a Rosinha! Duas faces bochechudas e rosadas; uns lábios grossos, lascivos, bem explorados nesses namoricos de aldeia, ao anoitecer, nas sombras dos palheiros e pocilgas. (Pouco romantismo nisto? Mais realidade e mais proveito, pelo menos!) Oiro nas orelhas. Oiro no pescoço, a perder-se na imensidade adiposa cujo sulco, casualmente quase a descoberto, centrava rigorosamente o colar.

Palradeira. Córava perante os galanteios rústicos que lhe atiravam estes «D. Juans» encarapuçados! Galanteios sobre motivos profissionais! Tinha também os seus amores!

Vi-a depois, já noite, sob um belo luar de Janeiro, com um namorado. Duas figuras juntas, à sombra do curral dos porcos, mas a recortarem-se no céu, exactamente na linha do horizonte. Por pouco tempo os divisei, por os cães terem pressentido a minha presença de estranho. Contrariado, retirei-me então. Continuei, porém, a segui-los em pensamento!...

Veio-me depois à ideia apenas a figura dela, figura possante, vermelha, bela mesmo a espirrar saúde! Naquele cenário de grandes sombras das montanhas, enormes faixas negras a contrastar com a calvície luarenta dos cabeços, fui pensando, cabisbaixo, com ciumes, nesta rigidez da natureza, nestes amores, na vida dessa tríade, ovelhas, homens e burros que por aqui nascem, por aqui se criam, se reproduzem e morrem.

PALAVRAS CRUZADAS

Solução do número anterior

HORIZONTAIS

1 Filosofo 2. Satira. 3 — As; Uasa; Ad. 4 - Luta; Reli. 5 Age; Mis. 6 Fim; Ias. 7 Iros; Arde. 8 To; Eras; Ai. 9 Uniras. 10 Oraramos.

VERTICAIS

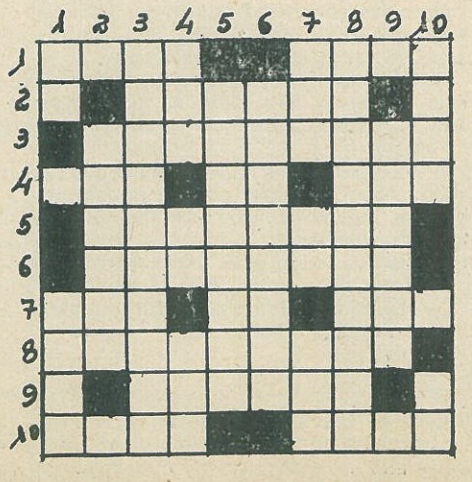
1 Palafita. 2 Sugiro. 3 — Is; Temo; Ur. 4 — Lava; Temo. 5 — Ota; Rir. 6 — Sis; Ara. 7 — Orar; Asam. 8 — Fa; Emir; So. 9 — Aliada. 10 — Odisseia.

HORIZONTAIS

1 — Parte inferior da perna dos animais; azêdo. 2 — Veja. 3 — Animal roedor pl. 4 — pronome possessivo inv; pronome pessoal; 3 letras de Televisão. 5 — Canção popular de crianças. 6 — Tornar imune. 7 — nome de letra; Letra grega inv.; Lírio. 8 — Lugar de cerimónias religiosas. 9 — Forma do verbo ter. 10 — Carinho; copa das árvores.

VERTICAIS

1 — Utensílio; pronome demonstrativo. — 2 Vagueia. 3— curativo. 4 — 3 letras de «Teia»; pronome pessoal; possuir. 5 — Região de França. 6 — Tornaram azul. 7 — Lavra; nome de letra pl; grande quantidade. 8 — Põe ao centro. 9 Estrago 10 — Pronome demonstrativo; doa.



NOTA REDACTORIAL

Façamos o nosso juizo de valor sobre o «... SALTA !»

Não! Não está com o nível que desejaríamos. Não tem a expansão que os seus ideais melhor realizados merecem

Uma das razões que impedem o melhoramento do nosso periódico é a falta de colaboração. Todos sabemos que, do primeiro ao último, nos encontramos assoberbados com trabalho. Mas, buscando bem, talvez cada um encontre tempo para criar ou recolher algo que contribua para esse melhoramento que todos ambicionamos.

Todas as ideias e escritos serão bem recebidos e aproveitados da maneira mais adequada,

O que está sendo publicado, está abaixo do que muitos podem fazer.

Esta é mais uma razão para cada um chegar à conclusão de que PODE E DEVE contribuir para a elevação e recreio de todos e para um «... SALTA !» melhor.

...SALTA!

Orgão Mensal do Paraquedista

Director e Editor

Tenente Fernando Soares Cunha

Redactor Principal

Furriel Claudino Cruz Ferreira

Composto e Impresso nas

Oficinas Gráficas da E. P. E.

Ano I — Novembro — N.º 3 — 1956